

## ENTRE CRUZOS PEDAGÓGICOS: MUSEU, EDUCAÇÃO E CULTURA MATERIAL AFRICANA

## BETWEEN PEDAGOGICAL CROSSINGS: MUSEUM, EDUCATION, AND AFRICAN MATERIAL CULTURE

Recebido em: 20/11/2024

Aceito em: 20/12/2024

Publicado em: 29/12/2024

Isabelle de Oliveira Ferreira<sup>1</sup> 

**Resumo:** Este trabalho explora a inserção da Cultura Material Africana na historiografia ocidental, destacando a evolução narrativa das coleções africanas em museus, frequentemente categorizadas como artefatos etnográficos ou objetos de arte. Essas exposições, contudo, têm perpetuado referências eurocêntricas e narrativas ocidentais, negligenciando os atores sociais e a diversidade cultural representada. A pesquisa busca reverter essa tendência por meio de práticas culturais e produtos que aproximem a sociedade civil das coleções africanas, especialmente no Brasil, onde se construiu pontes entre o patrimônio africano e o público. Focalizando o acervo de "Arte Africana" do Museu da Abolição em Recife, a pesquisa analisa como essas iniciativas vêm promovendo novas narrativas e visualidades sobre a herança africana, contribuindo para a aplicação das Leis 10.639/2003 e 10.645/2008. O trabalho destaca a importância dos setores educativos nos museus para contextualizar e democratizar o acesso às coleções, propondo metodologias pedagógicas que incentivem a utilização efetiva desses materiais e a construção de um diálogo mais inclusivo e representativo sobre a cultura africana e afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Cultura Material Africana; Museus e educação; narrativas afro-brasileiras.

**Abstract:** This work explores the inclusion of African Material Culture in Western historiography, highlighting the narrative evolution of African collections in museums, often categorized as ethnographic artifacts or art objects. These exhibitions, however, have perpetuated Eurocentric references and Western narratives, neglecting the social actors and cultural diversity they represent. The research aims to counter this trend through cultural practices and initiatives that bring civil society closer to African collections, particularly in Brazil, where bridges between African heritage and the public have been built. Focusing on the "African Art" collection of the Museum of Abolition in Recife, the study analyzes how these initiatives have fostered new narratives and visualities about African heritage, contributing to the implementation of Laws 10.639/2003 and 10.645/2008. The work emphasizes the importance of museum education sectors in contextualizing and democratizing access to collections, proposing pedagogical methodologies that encourage the effective use of these materials and the construction of a more inclusive and representative dialogue about African and Afro-Brazilian culture.

**Keyword:** African Material Culture; Museums and Education; Afro-Brazilian Narratives.

### INTRODUÇÃO

Na linha do tempo da inserção da Cultura Material Africana na historiografia ocidental, observam-se diversos temas que permeiam as análises de máscaras, esculturas, vestimentas, joias e outras materialidades presentes em vários grupos étnicos da África. Este arcabouço teórico deriva dos estudos antropológicos, etnológicos, artísticos e sociológicos, os quais têm contribuído para a

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense. E-mail: isabelleferreiracult@gmail.com

narrativa sobre diversos objetos que, em um trânsito muitas vezes silencioso e conflitante, são incorporados às múltiplas coleções de Cultura Material Africana pelo mundo.

Nota-se que esse discurso tem passado por transformações ao longo do contato ocidental com essas materialidades, especialmente diante das demandas contemporâneas de aproximação da população negra com suas culturas originárias do continente africano. No entanto, ainda persiste um vácuo que dificulta a exploração de conexões mais profundas através de um olhar educacional e pedagógico sobre essas coleções.

Ao longo da história da instituição museu, percebe-se mudanças narrativas que caminham pelo seu nascimento em prol do fortalecimento do estado nacional e das elites, e após uma mudança significativa que perpassa o afastamento, o exotismo e narrativas conflitantes para soerguimento de um poderio ocidental. De fato, “o museu universal é uma arma ideológica” (VERGÈS, 2023, p. 24), e, a partir dos mecanismos promovidos ao longo dos séculos promoveu desigualdades de raça, gênero e classe como reflexo estrutural das mazelas oriundas da escravidão, colonização, capitalismo racial e imperialismo. É nesse cenário, que diversas coleções de arte não-ocidental adentram tais espaços institucionalizados e ao longo dos séculos são permeados por expografias, curadorias, conservações e diálogos pedagógicos. Esses elementos que constroem o sentido de expor nas instituições museais muitas vezes não estão conectados, ocasionando assim uma ruptura reflexiva que sacraliza esse espaço para os “conhecedores das artes” e afasta indivíduos e coletivos que não se sentem representados nesses espaços.

Na busca por uma construção dialógica e conectada acionaremos nesse trabalho as práticas culturais da sociedade civil e seu potencial transformador. Além de apresentar/ refletir sobre produtos culturais que perpassam o patrimônio cultural africano como símbolo para construir narrativas sobre afro-brasilidades. Nesse contexto, iniciaremos com o diálogo pedagógico que emana dos setores educativos museais como propulsores de democratização de acessos. A criação de setores educativos dentro das instituições museológicas se torna cada vez mais crucial no processo de fortalecimento dos aspectos sociais e culturais dos museus. Embora essa afirmação ainda possa causar alguma controvérsia em ambientes tradicionalmente acadêmicos, a extensão das ações museais e a própria constituição desses processos dependem fundamentalmente do componente educacional. É cada vez mais necessário contextualizar e situar o patrimônio cultural no tempo e no espaço, compreendendo-o como parte de uma ação social e cultural contínua.

E, ao tratar dos acervos de Cultura Material Africana espalhados pelo mundo são os setores de pesquisa e educação que promovem a aproximação frente a tais acervos. No Brasil, com a entrada dessas coleções em alguns museus tornou-se necessário construir pontes de pesquisa frente ao patrimônio africano. Tais foram elementos estratégicos para a construção de produtos culturais e pedagógicos que possuem como cerne de discursão desses acervos.

Assim, as práticas e produtos culturais tornam-se elementos identitários e de fortalecimento históricos perante alguns indivíduos e coletivos. Territorialmente localizados, os produtos que serão analisados e apresentados aqui perpassam esse movimento de confluência história, identitária e de democratização de acesso frente a um acervo de Cultura Material Africana localizado no Recife, Pernambuco. O acervo institucionalmente intitulado de “arte africana” pelo Museu da Abolição foi propulsor de diversas iniciativas culturais que vem engajando cada vez mais indivíduos. Dessa forma, analisaremos as práticas culturais que perpassaram a construção desses produtos e como os cruzos pedagógico vem proporcionando outras narrativas e visualidades sobre o continente e herança africana em Pernambuco.

## **METODOLOGIA**

Este artigo apresenta os desdobramentos analíticos da pesquisa de mestrado da autora, na qual são discutidas práticas e produtos culturais desenvolvidos por agentes e instituições museais que possuem em seus acervos objetos da Cultura Material Africana. Um desses espaços é o Museu da Abolição, localizado em Recife, que, desde 2016, agrega um acervo intitulado “Arte Africana”, composto por 107 peças oriundas de diversas partes do continente africano. A partir desse acervo, foram desenvolvidas práticas e produtos culturais com o objetivo de expor a coleção além dos muros institucionais, permitindo o acesso gratuito e online a materiais pedagógicos que aprofundam elementos africanos e diaspóricos por meio dos objetos.

Para alcançar esse objetivo, foram utilizadas metodologias que incorporam a pesquisa-ação em seu núcleo. A participação ativa dos agentes sociais envolvidos e a abertura política da própria instituição solidificaram esta e outras pesquisas, permeadas por uma consciência racial politizada, bem como por um desejo por conhecimento e mudanças no cenário pedagógico. Trabalhar com elementos do acervo de Cultura Material Africana como possibilidade de narrativas visuais, artísticas, históricas, geográficas e diaspóricas alternativas evidencia a aproximação com outras referências para abordar questões sobre África e afro-brasilidades.

Após diagnosticar a dimensão pedagógica, política e artística desse acervo, buscou-se construir práticas e produtos culturais que pudessem ser conhecidos, disseminados e construídos em conjunto com a sociedade civil, agentes culturais e profissionais do museu. Isso foi realizado por meio de projetos de extensão, cooperações técnicas e projetos culturais que reverberaram nos materiais que aqui serão discutidos, como: o catálogo “Cultura Material Africana: o primeiro catálogo do acervo de Arte Africana do Museu da Abolição/ Ibram – PE”; a Cartilha Pedagógica “Memória e Narrativa: abordagens sobre o acervo de Cultura Africana do Museu da Abolição”; e a “Exposição Virtual Cultura Material Africana sob as lentes da diáspora”.

Além da pesquisa-ação, a construção desta pesquisa se cruza com a metodologia artesanal do conhecimento (MILLS, C. WRIGHT, 1916-1962), que nos conduz à construção de novos repertórios possíveis em diálogo com as experiências da diáspora. Isso é viabilizado pelos intercâmbios que ocorrem no cotidiano e pelas possibilidades de conceber novas narrativas emergentes do arquivo. Aqui, o arquivo é pensado em sua materialidade e incidência no espaço do museu, que, ao longo do tempo, construiu uma narrativa universal, muitas vezes sob a ótica do poder, frente às coleções e acervos de Cultura Material Africana. Isso nos leva a considerar tanto sua dimensão macro, como um acervo racializado e seus desdobramentos ao longo do tempo, quanto sua dimensão micro, como um acervo de Cultura Material Africana e suas intersecções na instituição museu, ligados a um processo contínuo de formas e não-formas de exposição, mediação e apresentação desses acervos ao grande público.

Ainda no âmbito da artesanaria como metodologia, a experiência da pesquisa será apresentada como um trabalho em andamento e em constante atualização. Além disso, novas formas de pensar esses acervos estão possibilitando que essas coleções saiam de seu estado cristalizado, permitindo a investigação de outros significados. Assim, as práticas e produtos culturais aqui analisados constituem parte dessas novas possibilidades de diálogo em relação à Cultura Material Africana, a partir do acervo presente em Recife, Pernambuco.

## **DESENVOLVIMENTO**

Pensar na entrada de objetos nomeados como 'não-ocidentais' no contexto ocidental de construção de um discurso universalista, salvaguarda da memória e de classificação, perpassa a historiografia da chamada 'arte africana'. Esses objetos se encontram em uma encruzilhada discursiva

permeada por diversos elementos estéticos, sociais e culturais, e começam a incorporar binarismos instáveis que afetam sua existência atual em coleções ao redor do mundo.

Esse caminho nos leva aos estudos que permeiam a trajetória dos diversos objetos oriundos do continente africano ao longo dos tempos, principalmente diante da sua entrada no contexto ocidental. Dos gabinetes de curiosidades à entrada de coleções na instituição museu, percebe-se nomeações, teorias e narrativas que revelam elementos ideológicos, sintomas da colonialidade do poder e do ser, e a constituição de um sujeito/imaginário pré-dado frente às dinâmicas que se conectam à Cultura Material Africana. Se as dinâmicas ocidentais estabeleceram uma autoridade sobre os elementos estéticos e antropológicos frente a esses objetos, cabe imaginar efeitos estratégicos que subvertam as fixidezes do empreendimento teórico sobre tais.

Nessa tentativa, imaginar a ampliação do conceito como elemento de negociação frente às categorias fixas constitui uma estratégia histórica. Construir uma historiografia e um olhar crítico diante da entrada desses objetos no Ocidente torna-se necessário, considerando as conceituações, lugares de destinação, significações e elementos padronizados que nomearam e nomeiam essas peças ao longo do tempo.

Como campo em construção, os estudos que englobam o que comumente é conhecido como “arte africana” vêm provocando reflexões a partir da revisitação e do contato da diáspora negra no mundo com tais objetos, seja no contexto museal ou não. Essas reflexões acionam elementos críticos necessários diante das generalizações dos termos, das narrativas estereotipadas, do apagamento dos processos de produção e das dinâmicas de feitura e fruição artística, somadas a tantas outras problemáticas que vêm questionando o próprio conceito de “arte africana”.

Essa indagação, segundo o historiador Roberto Conduru, em seu artigo "Arte da África - criação crítica", onde discute inicialmente uma historiografia da chamada “arte africana”, aponta que tal termo possui um local e um ano de formulação: Paris, 1906. Naquele momento, artistas como Maurice de Vlaminck, André Derain, Henri Matisse e Pablo Picasso foram responsáveis por mudar todo um relacionamento com os objetos oriundos do continente africano (CONDURU, 2015, p. 119).

Essa mudança construiu algumas categorizações e enquadramentos sobre essa cultura material, arquitetando um sentido de autenticidade, definindo quais seriam as peças que circulariam como arte e, principalmente, erigindo a égide do conhecedor de arte como possuidor de um poder legitimador discursivo e visual sobre esses objetos. Esses rótulos, que perpassam as relações de poder e sentido construídas pelo Ocidente, foram analisados pelo viés antropológico antes mesmo do

acionamento das formas e estéticas. Esses dois eixos analíticos (etnográfico e artístico) permearam as coleções oriundas do continente africano e agregaram sentidos binários e fixos sobre objetos que estavam e estão integrados aos fluxos de suas respectivas culturas.

Na perspectiva do trabalho fronteiriço da cultura, agregá-la como possibilidade de encontro para análise desses objetos nos levará a um encontro com “o novo”, que não é um contínuo do passado nem do presente, mas um ato insurgente. Essa ideia permeia a integração da cultura à materialidade produzida, carregando uma complexidade social capaz de identificar relações de poder, (re)construções de pensamento e processos de simbolização (BHABHA, 2019, p. 29).

Esse cenário nos conduz a reflexões ampliadas e críticas que perpassam o conceito de cultura. Isso implica em compreender o etnográfico e/ou artístico como classificações instáveis e permeáveis quando aplicadas à cultura material africana (FERREIRA, 2011, p. 79). O ponto dialógico entre esses dois extremos parte da aceitação de que o 'olho', mesmo o do conhecedor mais instruído, está equipado com uma educação cultural própria. As lentes da educação cultural ocidental se basearam em um arcabouço teórico que, permeado pelas explicações dos costumes e pela experiência estética das formas, limitou a existência e a legitimidade de outros arcabouços teóricos e reflexivos que emergem das próprias realidades nas quais tais objetos foram criados.

Assim, ao abrir uma fronteira de estímulo à tradução, um outro lugar cultural e político se cruza (BHABHA, p. 68, 2019), proporcionando uma imersão nos valores estéticos, socioculturais e temporais. A incorporação de modelos explicativos e classificatórios amplia o debate e desafia o binarismo profundamente enraizado na visão ocidental e nos museus. Portanto, independentemente da classificação (etnográfica e/ou artística), discute-se aqui a possibilidade de interseções a partir da ampliação do conceito de cultura. O objetivo é aproximar o termo 'cultura material africana' como uma ponte entre o visível e o invisível, possibilitada pela conexão entre a materialidade e a imaterialidade."

Assim como, não podemos retroagir no tempo e espaço e (re)-colocá-los em seus respectivos locais de origem, ainda que na contemporaneidade se discuta a repatriação desses artefatos. O objetivo é problematizar o papel dos museus na legitimação dos discursos dos grupos sociais hegemônicos através das narrativas apresentadas nas exposições museológicas (FERREIRA, 2011, p. 94).

Diante da binaridade que tem classificado e direcionado a compreensão dessas peças ao longo dos séculos, observa-se uma sombra acompanhando grande parte das coleções de Cultura Material

Africana. Essa sombra, discutida pela intelectual Sidney Kasfir (KASFIR, 2008), envolve as escolhas curatoriais e particulares que influenciam a apresentação dessas peças no contexto museológico. E, diante dessas escolhas o contexto pedagógico também é influenciado visto que a curadoria e o educativo de espaços museais e culturais devem caminhar conectados entre si.

Assim, agregando essa discussão como cerne e na busca de novas perspectivas pedagógicas para aplicabilidade da Lei 10.639/2003<sup>2</sup> e 10.645/ 2008<sup>3</sup>, o conceito de Cultura Material Africana foi ampliado a partir de produtos culturais desenvolvidos em torno do acervo de Arte Africana do Museu da Abolição (MAB). Essa instituição está localizada no bairro da Madalena, região central da cidade de Recife/ PE, agregando em sua estrutura e espaço expositivo elementos que dialogam, difundem e valorizam o patrimônio material e imaterial africano e afro-brasileiro. Em 2016, mediante a Lei ° 12.840/ 2013<sup>4</sup> o MAB incorporou em seu acervo museológico, em dezembro de 2016, uma coleção de Cultura Material Africana. Essa entrada perpassa um processo longo e de diversas incógnitas no que diz respeito a composição das peças, destinação, catalogação, conservação entre outros problemas comumente observados no trânsito silenciado dessas material cultural.

De certo, após diversos diálogos entre o Instituto Brasileiro de Museus e a Receita Federal (órgão responsável pelos trâmites de destinação) um acervo de 107 peças adentra e constitui parte das coleções presentes no Museu da Abolição. Dos trabalhos desenvolvidos com a entrada do acervo, a pesquisa tornou-se um dos caminhos principais. A investigação inicial sobre esse conteúdo seguiu o método comparativo, e a ajuda de alguns pesquisadores do Museu de Belas Artes, instituição que também agrega em seu acervo uma coleção de Cultura Material Africana. O intuito era catalogar e encaixar esses objetos dentro dos seus grupos de origem, estabelecendo breves narrativas didáticas e termos que nomeassem a presença dessas, no espaço museal. Mas, em 2018, uma pesquisa foi aprovada pelo CNPq/ Ibram com o intuito de estudar, aprofundar alguns caminhos já traçados e alargar outros. Essa intitulada “Projeto do Acervo de Arte Africana - MAB” durou cerca de oito meses

---

<sup>2</sup> Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em: L10639 (planalto.gov.br). Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>3</sup> Lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em L11645 (planalto.gov.br). Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>4</sup> Lei que dispõe sobre a destinação de dos bens de valor cultural, artístico ou histórico aos museus públicos federais. Disponível em: L12840 (planalto.gov.br). Acesso em: 09 ago. 2024.

e contou com a doutora em antropologia pela UFPE e ex-diretora do Museu, Maria Elisabete Arruda de Assis e com o auxílio de Isabelle Ferreira enquanto pesquisadora bolsista.

IMAGEM 1 – FOTO DA EXPOSIÇÃO “NOVOS OBJETOS, NOVAS COLEÇÕES” NA SALA INTITULADA “ARTE AFRICANA” NO MUSEU DA ABOLIÇÃO. EM EXPOSIÇÃO 34 DAS 107 PEÇAS PARTE DESSA COLEÇÃO.



**Fonte:** Acervo da autora, 2018

Das possibilidades que reverberaram das pesquisas desenvolvidas até o momento, as atuações educativas tornaram-se a maior porta de acesso e construção desse conteúdo cultural com o público visitante. Até 2018, parte desse acervo estava a mostra numa das salas no Museu da Abolição intitulada “Arte Africana”. A partir de uma expografia estética, 34 peças da coleção faziam parte do circuito expositivo da instituição. Dos diálogos desenvolvidos entre os públicos diversos que participaram das mediações junto ao corpo educativo da instituição formado por Isabelle Ferreira e Wellington Ricardo, aproximações outras foram desenvolvidas frente a esse acervo. Dessa experiência projetos e produtos culturais foram desenvolvidos visando o teor pedagógico do acervo e as possibilidades de diálogo local a partir das práticas culturais negro-africanas presente no estado de Pernambuco. Além de se tornar uma das únicas formas de aproximação com esse acervo pois, diante da reforma do MAB e sua abertura (entre 2019 e 2023), o museu encontra-se atualmente sem exposições de longa duração ou temporárias que apresentem essa coleção ao público visitante.

Na busca por democratização de acessos a esse patrimônio cultural público para toda sociedade brasileira, mas especificamente a população negra, a plataforma escolhida foi o ambiente

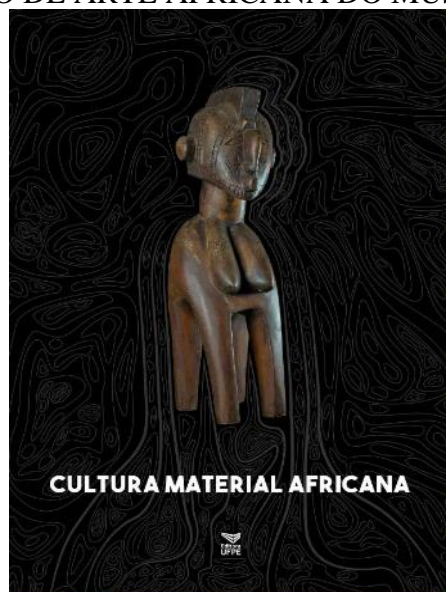


virtual. Como forma autônoma de construção de aprendizado, os materiais desenvolvidos levaram em consideração a participação de agentes diversos, estudos acadêmicos e suportes possíveis para utilização dos materiais em diversos contextos pedagógicos. Da tríade de projetos desenvolvidos, a atuação de agentes culturais que partiram de uma atuação próxima à instituição foi primordial. Ressaltando o papel da museologia social e a integração do espaço com os anseios dos agentes ao em torno.

O primeiro projeto cultural elaborado foi intitulado “*Cultura Material Africana: um retrato da herança viva em movimento*”. Esse projeto foi desenvolvido pelos educadores da instituição, anteriormente citados, a partir de um edital de incentivo público estadual voltado para jovens do estado de Pernambuco. O projeto visou a construção de um catálogo do acervo de Arte Africana do Museu da Abolição, contendo todas as peças que compõe a coleção. Tal processo foi construído com uma equipe dos dois jovens negros inseridos na dinâmica do museu enquanto educadores e o fotógrafo/ designer Sandir Costa. Contudo, diante da reverberação desse conteúdo cultural para o estado e a necessidade de integrar cada vez mais agentes nas discussões sobre esse patrimônio cultural negro africano, uma chamada aberta selecionou 5 jovens negros das periferias do Recife para construção conjunta desse catálogo. O catálogo foi publicado em versão e-book em 2020, pela editora universitária da Universidade Federal de Pernambuco e constitui um dos instrumentos mais utilizados para aproximação desse acervo.

Após a difusão do catálogo, as possibilidades pedagógicas que emanaram desse primeiro material abriram caminhos para construção de mais outros dois projetos e produtos culturais tendo o acervo de Cultura Material Africana do Museu da Abolição como foco. O projeto “*Cultura Material Africana sob as lentes da diáspora*” que trouxe para o ambiente virtual os cruzos e fabulações que esse conteúdo material vem ocasionando nas múltiplas linguagens artística a partir da diáspora. Dessa forma, foi construída uma curadoria que levou em consideração referências visuais, musicais, audiovisuais, manifestações culturais entre outras possibilidades em que a Cultura Material Africana estivesse presente como mecanismo de novas narrativas sobre o continente africano e as heranças na diáspora.

IMAGEM 2 – CATÁLOGO CULTURA MATERIAL AFRICANA O PRIMEIRO CATÁLOGO DO ACERVO DE ARTE AFRICANA DO MUSEU DA ABOLIÇÃO<sup>5</sup>



Fonte: Acervo da autora, 2023.

IMAGEM 3 – CARTILHA PEDAGÓGICA MEMÓRIA E NARRATIVA ABORDAGENS SOBRE O ACERVO DE CULTURA AFRICANA DO MUSEU DA ABOLIÇÃO.<sup>6</sup>



Fonte: Acervo da autora, 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: Cultura material africana: primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição | Editora UFPE. Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: Memória Narrativa – Mandume Cultural. Acesso em: 09 ago. 2024.

IMAGEM 4 – EXPOSIÇÃO VIRTUAL CULTURA MATERIAL AFRICANA SOB AS LENTES DA DIÁSPORA<sup>7</sup>



**Fonte:** Acervo da autora, 2023.

Junto a esse material, um outro que mergulhou nas abordagens pedagógicas que podem ser acionadas a partir desse patrimônio cultural também foi construído. O projeto “*Memória e Narrativa, abordagens sobre o acervo de cultura africana do Museu da Abolição*” carregou o impulso da exposição e a extensão pedagógica desse material virtual para o ambiente educacional. Assim, uma formação foi elaborada para que agentes culturais, artistas, curadores, educadores formais e informais se fizessem presentes para construir ferramentas pedagógicas a partir desse acervo virtualizado com o catálogo e a exposição. Com uma chamada aberta, tivemos a presença de 30 pessoas das mais variadas formações e atuações participando de um momento formativo que culminou na construção de uma cartilha pedagógica. Material também virtual e gratuito disponibilizado no site do Mandume Cultural.

O Mandume Cultural também foi um dos espaços criados diante dos cruzos pedagógicos ocasionados pelo encontro com esse acervo. Constituído hoje como uma plataforma que pensa desenvolvimento cultural e criativo para a população negra pernambucana, esse ecossistema voltado a produção cultural criado por Wellington Ricardo, Isabelle Ferreira, Sandir Costa e Samuel Ferreira vem encabeçando diversos projetos de pesquisa e culturais que tem foco a difusão e fabulações que perpassam o acervo de Arte Africana do MAB. Dos caminhos hoje traçados pelo Mandume a perspectiva educacional que atravessa o acervo é um dos focos de atuação mais permanente. Algo

---

<sup>7</sup> Disponível em: Cultura Material Africana - Sob as Lentes da Diáspora (mandumecultural.com). Acesso em: 09 ago. 2024.

que vem gerando não só de produtos culturais, mas possibilidades contínuas de aplicabilidade desses materiais na educação formal e informal a partir do acesso ao ambiente virtual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os caminhos iniciais aqui apresentados fazem parte da dissertação de mestrado da autora em que há uma busca em analisar instrumentos pedagógicos que reverberam em torno dos acervos de Cultura Material Africana no Brasil. Para tal análise, ela vem analisando o impacto dos materiais pedagógicos do acervo de Arte Africana do Museu da Abolição e do Museu de Belas Artes (RJ). Esse recorte advém da possibilidade de abertura e acesso público aos acervos de duas instituições federais, ligadas ao Instituto Brasileiro de Museus, e com isso a incidência política e pública dos espaços de cultura em território nacional. Dessa forma, as primeiras discussões que são apresentadas aqui fazem parte de uma pesquisa ação em que a incidência de agentes culturais racializados e a organização política resultou em produtos culturais possíveis de serem visualizados, aplicados e inseridos nas perspectivas educacionais.

Para isso, todo o desenvolvimento das práticas culturais e seus produtos perpassaram a arte-educação e o setor educativo de museu. Nesse contexto, observa-se um ciclo em que teoria, prática e política se entrelaçam, com profissionais cada vez mais engajados na produção e disseminação das histórias presentes nos diversos patrimônios dos museus brasileiros. Esses indivíduos, inspirados pelo potencial emancipatório da educação, promovem o museu como um espaço de transformação social, pertencente à sociedade e capaz de (re)criar reflexões conceituais sobre sua prática. Essa abordagem se fundamenta vigorosamente em práticas pedagógicas e políticas que permeiam as ações e os objetos dessas instituições.

A museologia e a Educação, consideradas como histórico-socialmente condicionadas, assumem, em cada período histórico, característica que são resultado das ações do homem, no mundo, fazendo com que possamos considerá-las como possibilidade e não como determinação. Daí, a necessidade de contextualizá-las, situando-as no tempo e no espaço compreendendo-as como ação social e cultural (SANTOS, 2001 p. 3).

Assim, na busca por uma incidência de pessoas negras e suas reflexões em torno da Cultura Material Africana, a tríade de projetos aqui apresentada foi composta por pessoas negras. Sendo elas inseridas nos diversos recortes, houve reservas de vagas para a participação de pessoas dissidentes de gênero, mulheres negras e pessoas com deficiência, como também no corpo da equipe dos projetos.

O que reverberou desse processo foi um espaço de compartilhamento de vivências e de construção prática implicado nas oralidades, escrituras e ferramentas pedagógicas resultantes desse processo.

A construção conjunta ocasionou um levantamento prático de abordagens que podem ser aplicadas pedagogicamente, elaboradas pelos participantes da formação. Como também dois materiais expositivos que podem ser tocados pelas interdisciplinaridades, agregando a Cultura Material Africana e a Diáspora Negra Brasileira em constante cruzo. É pertinente construir materiais como esse em consonância com a população que o representa pois há um estímulo a outros imaginários, que reverberam nas fabulações históricas e artísticas. Delas, os acervos de Cultura Material Africana reforçam suas presenças como conteúdo cultural que constitui parte da herança negra no território nacional. Como também agrega a necessidade de refletir sobre as urgências dessas coleções que dentro das instituições passam por diversos escamoteamentos e invisibilidades expositivas, curatoriais e educacionais. Cabe salientar que a coleção foco desse artigo encontra-se na reserva técnica do Museu da Abolição, na espera por uma possível exposição no futuro do museu.

Das discussões recentes que giram em torno da aplicabilidade desses materiais nos espaços formais e informais de educação, há uma necessidade de formação e diálogos para o público interessado. Apesar dos materiais estarem disponíveis no ambiente virtual e de forma gratuita, o interesse de ampliação do diálogo nas salas de aulas vem se tornando cada vez mais latente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentre as possibilidades pedagógicas que permeiam os acervos de Cultura Material Africana, pensar em materiais que aproximem a sociedade civil desse conteúdo, tanto material quanto imaterial, é uma das preocupações deste trabalho. A experiência desta pesquisa buscou apresentar produtos e práticas culturais que emanam de agentes envolvidos e das aberturas institucionais para a construção de projetos, o que desenha novas possibilidades para coleções desse tipo.

No âmbito educacional, observa-se que a maioria das exposições que abordam conteúdos culturais africanos apresenta uma continuidade narrativa pedagógica, categorizando esses objetos como artefatos etnográficos ou objetos de arte. Em ambas as abordagens, percebe-se que os atores sociais muitas vezes são esquecidos, enquanto os produtos culturais são colocados em evidência, reforçando o anonimato e promovendo identificações generalistas replicadas nesses espaços. Isso, por sua vez, reafirma as referências eurocêntricas e perpetua as narrativas ocidentais construídas em

torno dessas coleções. Diante dessa dualidade, surgem questionamentos e desafios nos espaços museais sobre como fundamentar a interpretação das coleções de cultura material não ocidental.

Nesse contexto, os materiais aqui analisados surgem como ferramentas pedagógicas para pensar a Cultura Material Africana e seus desdobramentos além do museu e de sua materialidade. Assim, a história da África e da diáspora negra no Brasil podem se utilizar de outras referências como elementos emancipadores. As abordagens apresentadas na tríade dos materiais de acesso virtual e gratuito buscam reforçar as conexões narrativas, históricas, visuais e outros elementos que tocam nas manifestações culturais da população negra. Dessa forma, este trabalho contribui para a aplicabilidade das Leis 10.639/2003 e 10.645/2008, tendo como objetivo ampliar as formações e diálogos em espaços formais e informais de educação, visando o compartilhamento de experiências com os materiais produzidos.

Para aprofundar ainda mais, busca-se entender a aplicabilidade e os métodos de construção pedagógica em relação a esses materiais. Certamente, a cartilha “Memória e Narrativa: abordagens sobre o Acervo de Cultura Africana do Museu da Abolição” traça os primeiros passos para esse objetivo, mas pensar em metodologias e práticas que estimulem a utilização do material é essencial para uma experiência efetiva.

## REFERÊNCIAS

AVOLESE, Claudia Mattos; MENESES, Patrícia (orgs.). **Arte não-Europeia: conexões historiográficas a partir do Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.

BARTH, F. A análise da cultura nas sociedades complexas. In. LASK, T. (org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa. 2000. p.107-139.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O. (Orgs.) **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

DOHMANN, Marcus. Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos. **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 41-53, set./dez. 2017.

FERREIRA, Luzia Gomes. Classificações instáveis e permeáveis: cultura material africana nos museus. *Revista Brasileira do Caribe*, v. XI, p. 99-99, 2011.

FERREIRA, Isabelle de Oliveira. **E existe arte africana em Pernambuco?: projeto Cultura Material Africana: um retrato da herança viva em movimento e o acervo de Arte Africana do**

**Museu da Abolição (MAB/ PE)**. 2023. Monografia (História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

KASFIR, Sidney. **Arte africana e autenticidade: um texto sem sombra**. Artafrika: centro de estudos comparatistas. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2008. p. 1-36.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, nova série, jul./dez. 1983. USP, São Paulo.

POULOT, Dominique. **Museus e museologia**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autentica Ed., 2013.

SILVA, A.; FERREIRA, Luzia Gomes. Entre o etnográfico e o artístico: cultura material africana no cenário museológico. **Tucunduba**, v. 1, p. 1-6, 2010.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta**. Traduzido por Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.